

TRANS-SUBJETIVIDADE NA BLOGOSFERA: uma abordagem sobre gênero e escrita de si

[TRANS-SUBJECTIVITY IN BLOGOSPHERE: an approach about gender and self-writing]

Adriana Maria Cunha

Universidade Federal de São João del-Rey

Tamires Ferreira Coêlho

Universidade Federal de Minas Gerais

165

Resumo: Analisamos como mulheres trans se apropriam de blogs, considerando-os espaços alternativos de expressão de si, de visibilidade e de construção de sua subjetivação. Foram observados os blogs *Trans.parência.com.br* e *Vanessa.in*, à luz de teóricos que abordam a teoria *queer* (LOURO, 1997; 2004; BENTO, 2006), os processos de subjetivação (LAZZARATO, 2014) e a configuração dos blogs (PRIMO, 2008). Concluímos que o “aparecer” nos blogs é acompanhado de exposições, imagens, sentimentos, posicionamentos, relatos de vida, de forma que essas mulheres encontram ali a oportunidade de serem vistas muito além do estereótipo da mulher trans veiculado pelos meios hegemônicos. A escolha do que pode ou não ser visibilizado faz parte da construção subjetiva dessas mulheres, fazendo emergir sujeitas em transição identitária.

Palavras-chave: subjetividade; gênero; transexualidade.

Abstract: We analyze how trans-women appropriate of blogs, considering them as alternative spaces of self expression, of visibility and of construction of their subjectivation. We observed the blogs *Trans.parência.com.br* and *Vanessa.in*, by the light of theorists who approach queer theory (LOURO, 1997; 2004; BENTO, 2006), subjectivation processes (LAZZARATO, 2014) and blogs configuration (PRIMO, 2008). We conclude that “appear” in blogs is accompanied by expositions, images, feelings, positions, life stories, so that these women find in those spaces the opportunity of be seen far beyond the stereotype of trans women, which is vehiculated by hegemonic media. The choice of what or may not be visualized is part of the subjective construction of these women, giving rise to subjects in identity transition.

Keywords: subjectivity; gender; transsexuality.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar como mulheres trans se apropriam de blogs, considerando-os espaços alternativos de expressão de si e de visibilidade, considerando que a mídia hegemônica ainda estigmatiza essas mulheres e reverbera preconceitos de uma sociedade que constantemente as exclui¹. Para isso, recorremos a autores e conceitos ligados à teoria *queer* (e às multidões *queer*), à subjetivação e ao gênero textual/espaço virtual/programa denominado “blog” (PRIMO, 2008). Analisamos postagens de dois blogs: *Trans.parência.com.br* (autoria de Mayra) e *Vanessa.in* (autoria de Vanessa Lopes).

Nossa análise é baseada em uma coleta de postagens, cujo critério de escolha se orientou a partir de temáticas comuns abordadas pelas duas blogueiras, Mayra e Vanessa, dentre elas, consideramos relevante abordar textos que falam de sentimentos, conflitos, relações familiares, questões que envolvem o trabalho e as burocracias jurídicas, tão importantes na (re)construção subjetiva de ambas e elemento imprescindível da transição (e do entre-lugar) que marca a construção da identidade trans. Ambos os blogs, além de trazerem histórias e experiências pessoais de cada blogueira, têm um caráter informativo bastante forte: há abas sobre links, informações e serviços importantes voltados para o público desses blogs, pessoas trans e *LGBTQ friendly* (simpatizantes da causa LGBTQ), além de serem abertos a comentários nos quais frequentemente aconselham e tiram dúvidas de leitores.

A teoria *queer* questiona, assim como outras teorias que não tratam sobre gênero, a identidade como algo permanente, natural e imutável (PENEDO, 2008; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010), já que a sexualidade e o gênero, enquanto partes constituintes de sujeitos em construção, estão em devir. Os sujeitos são definidos pela teoria *queer* a partir dos desvios da “normalização das suas práticas sexuais”, que são

¹ Remetemos a um contexto no qual pessoas trans ainda são alvos de preconceito no Brasil, muitas vezes desassistidas pelo Estado, com direitos negligenciados e submetidas a condições de vulnerabilidade, pois, por exemplo, a maioria está fora do mercado de trabalho formal. No caso de mulheres trans, soma-se a isso a dificuldade de ser mulher no contexto brasileiro, caracterizado por ainda ser machista e conservador.

construtos sociais, ressaltando “diferentes graus e espaços de poder que se distribuem em todas as categorias sexuais, incluindo a heterossexualidade” (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 270).

Butler (2012) entende que os binarismos que surgem das construções em torno da diferença sexual contribuem para uma visão heterossexual das identidades de gênero e da sexualidade. Ora, um binarismo que não é aplicável, definitivamente, na compreensão das sexualidades e das identidades que se constroem fora desse registro, como as de transexuais e de travestis, por exemplo. “Nessas experiências, há um deslocamento entre corpo e sexualidade, entre corpo e subjetividade, entre o corpo e as performances de gênero” (BENTO, p. 77). João W. Nery, em sua biografia, comenta sobre seu drama pessoal, sobre este “deslocamento” de que trata Bento, “minha crise corporal foi dolorosa e confusa. Ao mesmo tempo que meu corpo era eu, também não o era. [...] No entanto, era por intermédio desse mesmo corpo que as pessoas me confundiam com uma mulher!” (NERY, 2011, p. 52).

Nery é comumente identificado como o primeiro transexual a ser operado no Brasil e sua história serve de exemplo para a compreensão do tema no país, no que tange às questões jurídicas e médicas. A patologização da transexualidade ² limita a discussão e inviabiliza ou retarda, para grande parte deste público, não só as operações de mudança de sexo, mas também a mudança jurídica de suas identidades. As cirurgias são permitidas e gratuitas no país, mas é necessária uma equipe profissional multidisciplinar que avalia o “paciente” em um período de dois anos. Já no espectro jurídico são necessários outros quesitos para que o transexual possa alterar seu nome e seu gênero na certidão de nascimento. Atualmente, tramita no Congresso o projeto de Lei João Nery ³ que, entre outras propostas, sugere que se suprimam os requisitos atualmente exigidos para alteração do prenome, entre eles: “intervenção

² O diagnóstico da transexualidade se baseia em dois documentos: nas Normas de Tratamento da Associação Internacional de Disforia de Gênero Harry Benjamin HBIGDA e no Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana (APA).

³ Disponível em:

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1059446&filename=PL+5002/2013>. Acesso em: jul. 2015.

cirúrgica de transexualização total ou parcial; terapias hormonais; qualquer outro tipo de tratamento ou diagnóstico psicológico ou médico; autorização judicial”.

“Verdades” que oprimem um grupo social que luta para encontrar sua própria voz, que luta para se dizer e não ser “dito” por discursos institucionalizados que, ao lhe fixarem lugares patológicos, tiram-lhe sua voz e o marginalizam, como afirma Louro, “são, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança” (LOURO, 1997, p. 63).

Falar de gênero implica abordar o âmbito da produção simbólica, de valores e convenções (sobre o que é feminino ou masculino, por exemplo), tomando-o como um princípio fundador e constitutivo do social, impregnado pelo conceito de poder (BONETTI, 2009, p. 217). Considerando que há uma diversidade de modos, processos e consequências de violências contra as não-heterossexualidades e que “as pessoas transgênero são, de forma global, as mais desprotegidas e estigmatizadas” (COSTA *et al.*, 2010, p. 93), o jornalismo por vezes contribui para a perpetuação de preconceitos e estigmas sociais, a partir de mecanismos de violência simbólica que invisibilizam ou visibilizam sempre por um ângulo estereotipado essa parcela da população. Assim, se os discursos sociais dominantes (bastante replicados midiaticamente) ainda remetem a um estereótipo de identidade de gênero não-heterossexual composto por elementos como confusão identitária, promiscuidade e obsessão por sexo, as pessoas trans sofrem ainda mais com a não compreensão (e exclusão) de uma possibilidade de gênero que foge ao modelo binário e rígido que ainda é preponderante (CLARKE *et al.*, 2010; COSTA *et al.*, 2010).

Não se reconhecendo em muito do que reverbera midiaticamente, pessoas transgêneros têm buscado novas práticas e estratégias midiáticas, bem como espaços alternativos para expressão, socialização e busca de informação na internet. Os blogs, que deixaram de se restringir a “diários virtuais”, entrelaçando-se a muitas outras funções em meio ao processo de midiatização, têm se mostrado também como espaços importantes de expressão de si, levando em conta que o processo de

subjetivação dos sujeitos passa por experiências de argumentação, dramatização (LAZZARATO, 2014) e resistência. Pensar a construção de subjetividades de mulheres trans atravessada pela blogosfera leva em conta seu cotidiano, suas formas de expressão (linguagem), suas imagens (compartilhadas nos blogs), as interações promovidas naquele ambiente, além da eleição de conteúdos e temas a serem abordados (e publicizados).

OS BLOGS E A ESCRITA DE SI

No ciberespaço, assimetrias comunicativas (existentes desde os meios mais antigos) podem ser minimizadas (ou menos verticalizadas) a partir do surgimento de outras plataformas e modos de expressão. Modos de agência e de percepção se modificam, bem como mudam as apropriações de “técnicas de si” (LAZZARATO, 2014; PELBART, 2013; FOUCAULT, 1984): capacidades do sujeito de agir e mudar elementos autoconstitutivos, ligando-se às relações de poder, sobretudo quando o sujeito domina essas técnicas. Assim como o gênero, a “escrita de si” de Foucault também está em devir e em relação (RAGO, 2013).

Compreender que esse sistema de imagens, representações e signos compõe o pensamento da lógica discursiva da identidade social dominante é fundamental para que os feminismos possam transformá-lo e abrir novas possibilidades de ser. Se entendermos que os feminismos abrem outras possibilidades de subjetivação e de existência para as mulheres, é necessário que levemos em conta a linguagem e o discurso, meios pelos quais se organizam a dominação cultural e a resistência (RAGO, 2013, p. 31).

Assim, partimos do pressuposto que a abordagem feminista de Rago pode ser também articulada ao contexto das mulheres trans, que, afinal, apesar de estarem em transição e em um entre-lugar identitário extremamente complexo, são mulheres. É importante entender essa escrita de si a partir das palavras e da forma de expressão delas, em uma tentativa de apreensão não apenas do conteúdo que disseminam nas redes, mas também de seu contexto e de sua linguagem.

De acordo com Primo (2008), não é possível uma equiparação entre blogs e diários pessoais por vários motivos, apesar de haver semelhanças, como a organização de registros em ordem cronológica, há um forte caráter social e coletivo nesses meios:

Uma parcela de blogs de fato baseia-se na escrita de percepções e reflexões sobre o cotidiano e os sentimentos do autor. Contudo, essa prática não se aplica a tantos outros blogs, que apresentam estilos e objetivos diversos. A principal distinção entre diários e blogs os opõe de maneira inconciliável. Diários pessoais se voltam para o intrapessoal, tem como destinatário o próprio autor. Blogs, por outro lado, visam o interpessoal, o grupal (PRIMO, 2008, p. 122).

O fato de haver elementos do cotidiano e das experiências do autor do blog não significa que o escrito (independentemente do tema) deixa de passar por encenações e dramatizações, ou que não seja performado: “a escrita de si blogueira arma um jogo entre a identidade autoral, seu ego *scriptor* e a performance figurada de subjetividades” (AZEVEDO, 2007, p. 49).

TEORIA QUEER E A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

A teoria *queer* remonta ao fim da chamada Revolução sexual, quando os movimentos feministas e gays, das décadas de 1970 e 1980, vêm questionar as ordens hegemônicas ditadoras dos comportamentos sexuais considerados “normais” e “aceitáveis” socialmente. Os teóricos *queer*, já no início da década de 1990, percebem a centralidade dos corpos, enquanto espaços de regulações e, portanto, uma instância em disputa, com evidente potencial político. A partir da indagação que envolve o uso que os indivíduos fazem de seus próprios corpos, a teoria *queer* é um campo de saber que tange muitos outros campos e que se coloca como uma teoria de maior amplitude, porque reflete seu próprio tempo, ao colocar em xeque conceitos derivados de normalizações e normatizações, dessa forma,

São os estudos queer que irão radicalizar o projeto feminista, em um debate interno ao campo, mas que o extrapola. Esses estudos habilitam as travestis, as drag queens, os/as transexuais, as lésbicas,

os gays, os bissexuais [...] como sujeitos que constituem suas identidades mediante os mesmos processos que os considerados 'normais' (BENTO, 2006, p. 68).

O caráter subversivo do pensamento *queer*, dessa forma, permite que seus princípios atinjam áreas como a educação, a sociologia, as ciências sociais, a antropologia, dentre outras, à medida que se coloca como uma teoria que questiona o inquestionável. Como exemplo dessa possibilidade para além das questões sexuais e de gênero, Guacira Lopes Louro, pioneira nos estudos *queer* no Brasil, defende sua aplicabilidade na educação ao questionar os currículos, programas e estratégias educacionais e repensar o que ela chama de identidades escolarizadas. Ela propõe uma atitude reflexiva, tendo em vista que “currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe” (LOURO, 1997, p. 64) e, portanto, são processos constituídos pelas distinções naturalizadas, mas que, também, produzem tais naturalizações.

O potencial provocador desta teoria começa pelo próprio ato de se autodenominar “*queer*”, uma reapropriação de um termo pejorativo usado para se referir aos homossexuais como “bichas” ou “viados”. Ao ser resignificado, o “*queer*” passa a ser usado para afirmar uma diferença, um lugar de transgressão que não pretende se integrar à norma, “[...] *queer* adquire todo seu poder precariamente através da evocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 61). Ao questionar “o que é natural”, “o que é biológico”, “o que é cultural”, estes teóricos propõe um olhar de desconstrução dos lugares estabelecidos e institucionalizados. Um posicionamento que em muito se aproxima das formulações foucaultianas, à medida que o teórico francês enaltece a importância das palavras e do poder que elas têm de instituir as coisas e as pessoas no mundo. Foucault (1988) desenvolve um estudo que analisa a história da sexualidade a partir da Idade Média até o século XX, chamando a atenção para o discurso criado em torno da sexualidade, que encerrava um paradoxo entre “proibição”, “mutismo” e “discurso”. Para ele, “tudo se passaria como se uma resistência fundamental se opusesse à enunciação de um

discurso racional sobre o sexo humano, suas correlações e efeitos” (1988, p. 63), que significava uma espécie de esforço em não somente não dizer a verdade, mas, sobretudo de impedir que ela se reproduzisse nesse gênero de discurso.

Butler (2012), partindo de uma distinção entre sexo e gênero, questiona as dualidades que operam em nosso sistema de crenças. O gênero designa um aparelho de produção discursiva (cultural) através do qual o sexo, a matriz sexual, é estabelecido como algo natural, antes do discurso, como construção ideológica. Para ela, também o sexo não é natural, mas construído discursiva e culturalmente tanto quanto o gênero. E ambos, dessa forma, seriam uma estilização corporal, um conjunto de atos reiterados, repetidos numa lógica e cristalizados. A autora entende que a criação do gênero foi a forma pela qual o poder conseguiu naturalizar o sexo. O conceito de gênero, assim, é um construto analítico que diz respeito à organização social dos sexos e é importante perceber que ele (o gênero) não se constitui de forma coerente e consistente em diferentes contextos, mas “estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (BUTLER, 2012, p. 20).

Butler realiza uma crítica à essencialização das identidades, a partir do movimento feminista que buscava fixar a categoria “mulher” em uma perspectiva oposicional/binária (em relação ao homem) e de caráter universal. Tal visada acabava por reforçar as mesmas questões que buscava combater. De acordo com Bento (2006), fixar a mulher como uma categoria universal, em um primeiro momento, significava a busca de uma identidade coletiva que tinha como objetivo o fortalecimento desta mesma categoria com vistas à conquista de direitos, entretanto, “os perigos ou os limites dessa concepção estão na essencialização das identidades, por um lado, e na vitimização do sujeito mulher, por outro” (BENTO, p. 73).

Baseamo-nos também na teoria das multidões *queer* (PRECIADO, 2011), que propõe desterritorializar a heterossexualidade (tecnologia biopolítica), concebendo o conceito “gênero” como uma noção “sexopolítica”. A sexopolítica é mais que um “lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se

justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais...”, de forma que as minorias viram multidões, tornam-se *queer* (PRECIADO, 2011, p. 14). Essa perspectiva nos interessa por não se alicerçar em uma “identidade natural” (homem/mulher) ou em práticas delimitadas (homo ou heterossexual), mas por reconhecer que há diversos indivíduos que resistem às suas denominações de “normal” ou “anormal”. “[...] são os *drag kings*, as *gouines garous*, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientes ciborgues... O que está em jogo é como resistir ou como desviar das formas de subjetivação sexopolíticas” (PRECIADO, 2011, p. 16, grifos da autora). Assim, não nos pautaríamos sobre as diferenças sexuais, considerando que há “uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida” (PRECIADO, 2011, p. 18).

Rancière (1996) problematiza duas instâncias: a polícia, que fixa lugares e nomes sociais aos indivíduos, e a política, que desidentifica e rompe com lugares e posições sociais. A ordem policial dá um nome que limita, que estereotipa e restringe de maneira determinística as possibilidades de um indivíduo. Já a ordem política bagunça o sistema de nomes e de lugares, criando dissenso e recriando identidades. É possível articular a esse dissenso à ideia de desidentificação (LAURETIS, 1987; PRECIADO, 2011) que compreende “identificações estratégicas, desvios das tecnologias do corpo e desontologização do sujeito da política sexual” das multidões *queer*, de forma que a “desidentificação surge das ‘sapatas’ que não são mulheres, das bichas que não são homens, das trans que não são homens nem mulheres” (PRECIADO, 2011, p. 15).

Louro (2004) explica que os sujeitos da sexualidade desviante (todos aqueles que fogem à heteronormatividade) não desejam integração ou tolerância, mas que se assumem em seu entre-lugar, desafiando e perturbando normas regulatórias, constituídas pela ordem policial abordada por Rancière. Enxergamos nesse entre-lugar uma potencialidade política que vai muito além da conquista de direitos e de reconhecimento.

ANÁLISE DOS ESPAÇOS DE MAYRA E VANESSA NA BLOGOSFERA

Partimos, assim, para a análise do conteúdo dos blogs das transexuais Mayra e Vanessa, que se apresentam da seguinte forma em suas páginas:

Me chamo Mayra. Sou uma pessoa designada como homem ao nascimento, trans, não-binária, pansexual, bacharel em relações internacionais, tradutora inglês-português de especialidade em documentos e patentes e noiva de uma mulher (MAYRA).

Nasci geneticamente do sexo masculino, mas, desde criança, sempre adorei vestir roupas femininas. Fazia isso secretamente. De lá para cá, a necessidade de ser vista e tratada como uma mulher só cresceu. Há cerca de 10 anos comecei a sair de casa esporadicamente como menina, sendo que a frequência dessas saídas foi aumentando com o passar do tempo, mas isso não foi suficiente (VANESSA).

Com relação à apresentação e ao objetivo expresso por elas (em suas palavras) para iniciar a escrita em seus blogs, percebe-se a necessidade de autoexpressão, de compartilhar suas experiências durante o processo de transição ⁴. Vanessa comenta: “Criei esse blog com o intuito de registrar todas as etapas da minha hormonização, desde como tomei a decisão, minhas visitas à médica, e tudo mais que eu vier a fazer”. Mayra, entretanto, tem um objetivo a mais, ela pretende “mostrar que a imagem da trans veiculada quase exclusivamente na mídia, de prostituição, isolamento, família inexistente e relacionamentos com homens não só é perniciosa, como também uma falácia”. Dessa forma, em ambos os casos, além de informar o leitor em alguma medida (sobre hormonização ou sobre a vida das trans) os blogs trazem consigo, implícita ou explicitamente, a função de fazer reverberar vozes alternativas, legitimando olhares para além do que circula na mídia hegemônica: seja porque as etapas de hormonização ainda não são suficientemente esclarecidas ou disseminadas em outros meios, seja porque a imagem da mulher trans estereotipada pela mídia ainda está muito distante da realidade de muitas mulheres.

⁴ Nas palavras de Mayra: “Para deixar claro, a transição é um conjunto de remédios que você toma, profissionais que você fala e treinamentos pelos quais você passa para, quando pronta, passar a viver seu dia-a-dia como uma mulher plena”.

Quanto às relações de Mayra e de Vanessa com suas famílias, apesar de elas terem experiências bastante diferentes de reação familiar diante da transição de identidade de gênero, ambas falam das dificuldades que pessoas transgêneros têm de serem aceitas, até mesmo no âmbito familiar. Notamos a força dos laços e da instituição familiar na sociedade, que reverbera nessa necessidade de aceitação (por parte da família) e que pode, inclusive, ser condição para que a transição e/ou aceitação da identidade de gênero ocorra. Por vezes, não há uma reivindicação por respeito a uma decisão de âmbito individual, mas uma demanda de aceitação e de legitimação do indivíduo pela família. Isso sem mencionar que há momentos em que as posturas das blogueiras são de clara resistência ao comportamento familiar, como no seguinte trecho escrito de Vanessa, referindo-se a um tio: “Mas eu não abaixo mais a cabeça não, eu disse a ele para começar a pagar minhas contas, que aí podia dar palpite na minha aparência”.

É possível notar similaridades entre os relatos das blogueiras, que se expressam de um lugar de fala de jovens que cresceram em famílias de classe média, que enfrentam diferentes tipos de resistência familiar à transição e que tentam se apropriar de situações, como o tratamento psicológico de Mayra, não para “tratar” a transexualidade, mas para lidar melhor com ela, embora a família acreditasse na possibilidade de tratamento:

O que me leva a pensar na parte mais difícil da transição atualmente que é a covardia de boa parte da minha família. Os poucos membros que sabem ou disseram “é, vai em frente, não vejo problema”, mas nunca realmente ajudaram com nada, ou negam até o fim do mundo que tudo isso seja verdade. Minha mãe, por exemplo, sempre que eu falava nesse assunto, repetia incessantemente que não via **feminilidade** em mim. Foi um choque enorme pra ela quando eu contei que passei anos vestindo as roupas dela e brincando de me olhar no espelho, imaginando como eu poderia ser um dia [...] A questão é que agora eu preciso da ajuda financeira deles de novo, mas está complicado. Aceitaram pagar meu psicólogo sem problemas... mas foi mais para “tentar tirar isso da minha cabeça” do que me ajudar mesmo. Eu sei disso porque agora peço a FFS, a cirurgia facial, e estão empurrando mais com a barriga do que

político empurra obra. Parece que esperam que eu desista até o ultimo segundo. (MAYRA, grifo nosso).

Felizmente, comigo está sendo beeeem diferente. Há muitos anos eu já havia contado para minha mãe que saía como menina. Na hora foi um choque, mas a coisa acalmou, nunca mais tocamos no assunto, parecia até que ela não sabia de nada. Depois disso eu casei, saí de casa e creio que ela tenha achado que tudo não passava de um hobby. [...] Pois bem, em fevereiro, ocorreu uma situação que eu simplesmente não me contive e comecei a chorar perto dela. Ela, logicamente, quis saber o que estava acontecendo. [...] Choramos muito, conversamos muito e o que eu tive foi muita compreensão por parte dela. (VANESSA).

Chama-nos atenção o termo “feminilidade” usado pela mãe de Mayra, em situação análoga ao trecho “Dessa vez ela percebeu que ninguém nem me olhava, até comentou: ‘eu achei que seria diferente, mas essa é a maior prova de que **você conseguiu realmente ficar muito feminina**, ninguém percebe, ninguém nem tchum” (VANESSA, grifo nosso) de uma fala da mãe de Vanessa. Butler (2002), ao falar sobre as performatividades enquanto discursos autoritários, afirma que os atos performativos estão engendrados em uma rede de autorizações e punições. A autora percebe o poder vinculado ao discurso, na medida em que ele realiza aquilo que nomeia. Neste sentido, podemos perceber melhor os lugares, bem como as ações vinculadas a ele, definidos pelo sistema binário de sexo/gênero na sociedade. Lugares que pretendem fixar comportamentos e que norteiam os olhares sobre si e sobre o outro.

“É claro que ninguém fica exatamente feliz de saber que tem um filho transexual e que está se transformando. Todo pai tem preocupação com o sofrimento e com todo o preconceito que o filho enfrentará, nada mais natural” (VANESSA). Quando Vanessa posta isso, é possível perceber uma transferência de responsabilidade da sociedade civil (caracterizada como preconceituosa) para o “excesso de preocupação com os filhos”, que seria “natural” dos pais. É possível refletir aqui quanto a uma preocupação dos pais, quanto ao preconceito que os filhos trans sofrerão, que é tão naturalizada e enraizada na sociedade quanto o próprio preconceito em relação à diversidade de identidades de gênero.

As duas blogueiras se manifestam também em relação aos seus medos, vinculados a uma caminhada em que elas se aventuram, mas não têm ideia do “produto final”, ou seja, não têm ideia de qual a imagem de si que elas atingirão. Elas também se preocupam com o fato de como serão vistas e tratadas após a transição, entretanto, estes medos vêm acompanhados de um perceptível sentimento de esperança:

Eu olho pra isso tudo, às vezes, e acho inacreditável. Tipo “sério isso? Eu vou tomar umas pilulazinhas mágicas que vão mudar tudo, cortar meu corpo de 500 formas diferentes, inventar um nome, uma voz... Sério?” Dá um pouco de medo, um frio na barriga... mas também dá uma esperança profunda. Porque meu último pensamento sempre é: “Sério mesmo? Finalmente eu vou ser feliz?” (MAYRA).

[...] mas também tenho um medo enorme. Medo do desconhecido, de onde essa estrada vai levar, das coisas que encontrarei no caminho. Medo porque, uma vez que escolhi seguir essa estrada, deixei para trás o refúgio cômodo no qual vivi a vida toda. E sempre que olho pra trás vejo meu refúgio ficando cada vez mais longe e inacessível. Isso me dá uma insegurança enorme! [...] Não dava para conviver com a idéia de perder a jornada da minha vida e viver apenas imaginando como seria. (VANESSA).

Os medos que acompanham as transexuais, entretanto, não se comparam com a possibilidade de se adequarem ao gênero com que se identificam. Sobre este momento, Nery afirma: “alcancei um estágio em que não podia mais me omitir diante da minha identidade de gênero” (NERY, 2011, p. 54). Ao atingirem esta consciência e partirem para a transição, transexuais assumem uma postura de resistência ao reverterem o principal argumento de sustentação das normas de gênero: “o corpo-sexuado (o corpo-homem e o corpo-mulher) que dá inteligibilidade aos gêneros encontra na experiência transexual seus próprios limites discursivos, uma vez que aqui o gênero significará o corpo” (BENTO, 2006, p. 21). Os medos estão ligados ao abandono de comodidades e ao aceite de novos desafios, de forma que a busca da felicidade é perpassada e transformada pela construção de novas perspectivas e possibilidades enquanto sujeito.

Uma questão importante diz respeito à empregabilidade do público transgênero e, no caso de Mayra e Vanessa, elas representam uma parcela com bom nível de instrução e, dessa forma, têm suas possibilidades ampliadas. Vanessa comenta: “No meu trabalho atual, a coisa não é fácil, trabalho com um monte de ogro numa empresa de engenharia civil. Já vou bem afeminado, com calça justa, Allstar branco ou com estampa e camiseta. Ainda nada de maquiagem, bijuterias, vestidos”. Já Mayra fala de quando conversou sobre o assunto com a mãe:

Conversar com minha mãe semana passada me fez prestar atenção nesse assunto, então gostaria de ajudar a iluminar a mente das pessoas. Uma frase que ela disse no meio da conversa foi “Eu fico preocupada com o que você vai trabalhar... você vai ser manicure, cabeleireira.. o que? Porque são as opções né... Eu só fico com medo de você ir para o lado da prostituição ou fazer filme pornô. (MAYRA).

Mayra comenta em seguida saber sobre as dificuldades porque passam as transexuais, “mas dizer que nossas opções são restritas aquelas é pura falta de noção da realidade”. Por um lado há falta de oportunidade para trabalhos formais e bem remunerados, com relegação de muitos a uma condição de fragilidade e vulnerabilidade. Além disso, o preconceito com o estereótipo divulgado midiaticamente faz com que construamos imagens (e possibilidades) de transexuais em um salão de beleza ou em situação de prostituição, mas nunca na chefia de uma grande empresa ou na direção de um projeto em qualquer área do conhecimento.

Se as possibilidades de empregos fora dos estereotipados existem, em relação à questão dos documentos das transexuais a questão se complica. Vanessa explica que para alterar o prenome é necessário um laudo psicológico, mas, para conseguir a mudança de gênero nos documentos a situação é mais complexa. Ao consultar um advogado, ela conta que ele conhecia pouquíssimos casos em que o transexual chegou a ganhar o processo “sem que tivesse feito ou pelo menos que estivesse marcada a cirurgia de redesignação sexual (a famosa mudança de sexo, apesar de eu não gostar muito desse nome)”. E, neste ponto, mais uma vez é possível perceber as orientações

binaristas que referenciam a sociedade e enclausuram manifestações de ser dissidentes de tais orientações, como explica Vanessa:

Confirmei algo que já havia escutado, que muita gente que nem sente desconforto com o pênis procura a cirurgia apenas para poder alterar o gênero nos documentos. Não é certo a pessoa ter que se submeter a essa cirurgia apenas por uma questão legal, mas é bastante compreensível. Eu mesma não tenho interesse em alterar meu prenome e, legalmente, ser um homem chamado Vanessa. (VANESSA).

A percepção binária, dessa forma, “reproduz o pensamento moderno para os sujeitos universais, atribuindo-lhes determinadas características que, supõe-se, sejam compartilhadas por todos” (BENTO, p. 71). O que, na prática, revela-se insustentável, já que a construção da alteridade é um processo instável, capaz de dar origem a diferentes combinações e percepções de si. A recusa em considerar, ou ainda em facilitar, que as formas que escapam ao binarismo sexo/gênero encontrem espaços livres de expressão nos revela, claramente, a questão do controle que se exerce sobre o tema e, como afirma Foucault: “o essencial não são todos esses escrúpulos, o ‘moralismo’ que revelam, ou a hipocrisia que neles podemos vislumbrar, mas sim a necessidade reconhecida de que é preciso superá-los” (FOUCAULT, 1988, p. 30).

Apesar de todas as dificuldades que Mayra e Vanessa encontram durante o processo e, mesmo após ele, em suas escritas elas sempre comentam sobre os momentos de alegria, sobre a satisfação consigo mesmas:

As coisas não são 100% em todos os aspectos, sempre temos perdas importantes, ainda tenho um longo caminho e muitos medos, mas o saldo tem sido muito positivo. Nunca estive tão feliz na minha vida, chego a estar deslumbrada!

Agora ficou muito mais complexo descrever o sentimento. Ainda tem aquela sensação empolgante de uma vida cheia de expectativas legais com as quais sempre sonhei, e é isso que me move. Estou deslumbrada vendo paisagens que nunca havia imaginado. (VANESSA).

Mayra afirma: “Eu sei como eu era antes da transição: infeliz, retraída, depressiva... suicida. Eu sei como sou agora: feliz, alegre, simpática...”. A importância do compartilhamento de suas histórias, não só no sentido da autopercepção e da expressão de si, escapa ao universo individual de cada uma, na medida em que, ao exporem suas experiências, elas se colocam em contato com públicos diversos e ampliam os espaços de interlocução para além dos estabelecidos na mídia hegemônica. Ao fazerem isso, conseguem criar e fazer circular percepções que subvertem padrões heteronormativos vigentes na sociedade e, ainda que não consigam uma grande adesão em suas causas, pelo menos têm certa capacidade de incitar questionamentos.

REFLEXÕES FINAIS

Uma maior possibilidade de proximidade e de visibilidade convive também com limitações, no âmbito dos meios digitais. O “aparecer” (ARENDDT, 1995) nos blogs é acompanhado de exposições, de imagens, sentimentos, posicionamentos, relatos de vida, de forma que essas mulheres encontram ali a oportunidade de serem vistas muito além do estereótipo da mulher trans (ou de um ser não encaixado nos padrões heteronormativos) veiculado pelos meios hegemônicos. A escolha do que pode ou não ser visibilizado faz parte da construção subjetiva dessas mulheres, fazendo emergir também, por vezes, sujeitos em transição identitária.

Destaca-se a força dos blogs, como meios capazes de abrir um espaço para que a sociedade se aproxime do universo transexual, sem intermediários (como os jornalistas e editores que, porventura, venham a tratar do tema na mídia convencional). Neste sentido, o blog se torna uma ferramenta em potencial na tarefa de humanizar (e tornar mais complexos) os transgêneros, aos olhos dos cisgêneros, podendo contribuir para mitigar os preconceitos e as visões estereotipadas.

Consideramos, durante este texto, relevante abordar textos que falam de medos, alegrias, relações familiares, questões que envolvem o trabalho e burocracias jurídicas que marcam o cotidiano de pessoas trans. A abordagem dessas experiências e

sentimentos deixa ver a potência política dos relatos publicados nos blogs, que saem do quadro estereotípico da figura trans que circula na mídia, negam encaixes e lugares fixos e propõem desidentificações.

Assim, a possibilidade de ouvirmos as vozes transexuais, por meio desses espaços, traz consigo uma aproximação e uma compreensão deste universo. E pensar em possibilidades significa perceber que é possível um alargamento na compreensão de mundos e visões que fogem a uma ordem hegemônica imposta, conferindo maior liberdade aos sujeitos em seus processos de construção identitária. Nesse sentido, vemos a importância da despatologização do olhar sobre o transexual. Um olhar que pode (e deve) ser norteado pelos estudos *queer*, na medida em que tais estudos conferem uma percepção dos modos de ser e de viver enquanto construtos sociais. Lançar um “olhar *queer*”, dessa forma, sobre as identidades dissidentes significaria que não são elas propriamente subversivas, mas sim o próprio ato de olhar. Olhar e enxergar que a diferença, sim, é que é natural, embora estejamos todos interligados por semelhanças que nos unem enquanto espécie.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. (1995). *Verdade e política*. Lisboa: Relógio d'Água.
- AZEVEDO, Luciene. (2007). Blogs: a escrita de si nas redes dos textos, *Matraga*, v. 14, n. 21, pp. 44-55, jul./dez, <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga21/arqs/matraga21a03.pdf>>.
- BENTO, Berenice. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BONETTI, Aline. (2009). Sermerssuaqs cariocas? Convenções de gênero entre adolescentes negras do Rio de Janeiro. In: *AIDS e juventude: gênero, classe e raça*, edited by Stella Regina Taquette. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- BUTLER, Judith. (2012). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CLARKE, Victoria. et al. (2010). *Lesbian, Gay, Bisexual, Trans & Queer Psychology: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

COSTA, Carlos Gonçalves. et al. (2010). Imagens sociais das pessoas LGBT. In: *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero*, edited by Conceição Nogueira e João Manuel de Oliveira. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

FOUCAULT, Michel. (1988). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel. (1984). Les techniques de soi. In: *Dits et écrits*, edited by Daniel Defert, François Ewald e Jacques Lagrange. Paris: Gallimard.

LAURETIS, Teresa de. (1987). *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction*. Bloomington: Indiana University Press.

LAZZARATO, Maurizio. (2014). *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: Sesc; n-1 edições.

LOURO, Guacira Lopes. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

LOURO, Guacira Lopes. (2004). *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica.

NERY, João W. (2011). *Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois*. São Paulo: Leya.

NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. (2010). Desafiar o futuro. In: NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

PELBART, Peter Pál. (2013). *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. Trad. John Laudenberger. São Paulo: n-1 edições.

PENEDO, Susana López. (2008). *El labirinto queer: la identidad en tiempos de neoliberalismo*. Barcelona: Ed. Egales.

PRECIADO, Beatriz. (2011). Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”, *Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, pp. 11-20.

PRIMO, Alex. (2008). Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera, *Famecos*, n. 36, ago., <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf>.

RAGO, Margareth. (2013). *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Ed. Unicamp.

RANCIÈRE, Jacques. (1996). *O desentendimento: política e filosofia*. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34. <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=1gWZ_kCkwq8C&oi=fnd&pg=PA9&dq=o+desentendimento,+ranci_%C3%A8re&ots=s47wSADe5b&sig=FE7TgyNI7cvJ49aGv1X4HCs9OSg#v=onepage&q=o%20desentendimento%2C%20ranci_%C3%A8re&f=false>.

SOBRE AS AUTORAS:

Adriana Maria Cunha é Mestre em Teoria Literária e Crítica de Cultura pela UFSJ; Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela UFJF. Email: drisjdr@hotmail.com

Tamires Ferreira Coêlho é Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na UFMG com bolsa da CAPES. Estágio Doutoral na Université Paris-Sorbonne/CELSA junto ao GRIPIC com bolsa da CAPES-Brasil. Mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela UFPI com sanduíche na UMinho (Portugal). Membro dos grupos de pesquisa Processocom e GRIS e da Red AmLat. Email: tamiresfcoelho@gmail.com